



A pólis e o tirano: a representação de Hierão de Siracusa nos epinícios de Píndaro

The Polis and the Tyrant: Hieron of Syracuse's representation in Pindar's Epinician Odes

Ricardo Tieri de Brito

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

ricardo.brito@alumni.usp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8918-048X>

Resumo: Este artigo discute a representação da tirania nos epinícios de Píndaro em honra a vencedores da Sicília grega, com foco nos Deinomênidas de Siracusa. Hierão, segundo membro da dinastia a governar a pólis, foi o mais prolífico dos *laudandi* de Píndaro, comissionando quatro odes para si (*O.* 1 e *P.* 1 a 3) e três para associados próximos (*O.* 6, *N.* 1 e 9), o que permite uma análise aprofundada das técnicas empregadas pelo poeta na construção do elogio do tirano, que é igualado a monarcas tradicionais da poesia hexamétrica. A análise dos epinícios diretamente relacionados a Hierão é precedida por uma discussão teórica a respeito da tirania na Grécia arcaica sob o prisma da teoria sociológica de Max Weber. Líderes carismáticos, os tiranos se valeram da representação heroica dos epinícios para projetarem o “excesso de *aretê*” que os legitimaria à testa do regime. Contrastadas com outros espécimes do *corpus* pindárico, dentre os quais se afiguram os epinícios para vencedores de Ácragas, Camarina, Cirene e Egina, as odes siracusanas apresentam particularidades relevantes, como o caráter central da figura do *laudandus*, cujo louvor subordina e absorve aqueles elaborados à pólis e à família do vencedor, *tópoi* tradicionais do epinício.

Palavras-chave: tirania antiga; epinício, Píndaro; Hierão de Siracusa, Deinomênidas.

Abstract: This article examines the representation of tyranny in Pindar's epinician odes honoring victors from Greek Sicily, with a focus on the Deinomenids of Syracuse. Hieron, the second member of the dynasty to govern the polis, was the most prolific of Pindar's *laudandi*, commissioning four odes for himself (*O.* 1 and *P.* 1-3) and three for close associates (*O.* 6, *N.* 1 and 9). This enables a comprehensive analysis of the techniques employed by the poet in constructing the praise of the tyrant, who is equated with traditional monarchs of hexametric poetry. The analysis of the epinicians directly

related to Hieron is preceded by a theoretical discussion on tyranny in archaic Greece through the lens of Max Weber's sociological theory. Charismatic leaders, the tyrants, employed the heroic representation in the epinicians to project an "excess of *aretê*" that would legitimize their position at the head of the regime. When contrasted with other examples in Pindar's corpus, such as the epinicians for victors from Acragas, Kamarina, Cyrene, and Aegina, the Syracusan odes exhibit notable particularities, including the central role of the *laudandus*, whose praise subordinates and absorbs that of the polis and the victor's family, traditional *topoi* of the epinician genre.

Keywords: Ancient Tyranny; Epinician Poetry; Pindar, Hieron of Syracuse; Deinomenids.

1 Introdução¹

Ao tornar-se tirano de Siracusa (c. 485 a.C.),² Gelão, o primeiro dos Deinomênidas a reger os siracusanos, tinha diante de si um desafio singular: autocrata de Gela,³ a emergente potência militar da Sicília meridional,⁴ ele era, acima de tudo, um estrangeiro recém-chegado e investido no topo do governo da pólis. (Thatcher, 2021)

Este lugar, o de "forasteiro", perseguiu os chefes da dinastia durante as quase duas décadas de duração do regime, e motivou o emprego de uma gama de estratégias de legitimação da tirania, tanto em

¹ Este artigo foi elaborado durante a vigência de projeto de pesquisa de mestrado financiado pela FAPESP (Proc. n. 22/11066-1). Agradeço aos professores Dr. Christian Werner, Dra. Giuliana Ragusa, Dr. C. Leonardo B. Antunes e Dr. Gustavo H. M. Frade, cujos comentários a versões anteriores do texto contribuíram para seu aperfeiçoamento.

² Todas as datas citadas neste artigo situam-se a.C., à exceção de quando informado o contrário.

³ Gelão, filho de Deinomenes, assumiu o controle de Gela em 491/90, em um rápido *coup d'état* após a morte em combate do então tirano, Hipócrates, no mesmo ano. Heródoto (*Hdt.* 7.154-155) narra como Gelão destituiu os filhos de Hipócrates e assumiu seu lugar como tirano da pólis (Evans, 2016, p. 21-22). Deste ponto em diante, para *Hdt.*, cf. Vanicelli *et. al.* (2017).

⁴ De Angelis (2016, p. 180-181) descreve em detalhe o *playbook* elaborado por Cleandro de Gela para forjar o primeiro estado territorial centralizado da Sicília, que tomou forma final durante a tirania de Hipócrates, seu irmão e sucessor, e se tornou ainda maior sob o regime dos Deinomênidas. O poder militar de Gela garantiu a conquista progressiva de várias pólis calcídicas como Calípoles, Zancle e Leontini, além de povoações epicóricas. Siracusa, derrotada pelas forças gelenses na batalha do Rio Heloros em c. 492 (*Hdt.* 7.154.2-3), só escapou de ser anexada graças à intervenção de Corinto e porque fez concessões territoriais, cedendo a colônia de Catânia a Gela (cf. *Hdt.* 7.154).

âmbito doméstico e regional — dentro da pólis e da Sicília grega —, como em âmbito internacional — no cenário pan-helênico. (Thatcher, 2021)

Na década de 480, Siracusa passou por profundas mudanças políticas e sociais, responsáveis em convertê-la em um dos principais centros do ocidente grego, durante o período clássico. Gelão foi célebre pelo uso de migrações forçadas, que reconfiguraram a composição populacional da pólis, refundando-a, pelo expressivo programa de obras públicas monumentais e pelas dedicações suntuosas nos santuários de Olímpia e Delfos. Morto em 478, o tirano foi sucedido no governo da pólis por seu irmão, Hierão, que herdou a empreitada de manter coesa uma comunidade política diversa e dar continuidade às pretensões expansionistas da dinastia.

Ao discutir o fundamento da autoridade dos *basileis*⁵ da Grécia arcaica e clássica, Mitchell (2013, p. 57)⁶ vê na relação entre governante e governado uma forma de simbiose: é preciso que quem governe detenha um poder de coerção que assegure sua posição — seja por meio da força militar ou da cooptação das elites —, como também esteja legitimado para tanto aos olhos dos súditos, os quais devem deter uma crença voluntária na autoridade do governante, acompanhada de uma disposição, igualmente voluntária, a ser governado.

Como defende Mann (2001, p. 284), o exercício da tirania no ocidente grego enquadra-se no que Max Weber definiu como “dominação carismática”,⁷ aquela “baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas” (Weber, 2012, p. 141). Na ausência de uma moldura institucional que dê fundamento ao exercício do poder político, seja ela jurídico-legal ou tradicional-religiosa, a legitimidade do regime se encerra na própria pessoa do tirano: cabe ao governante demonstrar⁸ que detém a excelência (*aretê*) que o eleva acima de seus compatriotas e

⁵ A transliteração de vocábulos gregos citados no corpo do texto segue a padronização estabelecida nas “Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo” elaboradas por Anna Lia do Amaral de Almeida Prado (cf. Prado, 2006).

⁶ Sobre a intercambialidade dos termos *basileus* e *tyrannos* no contexto siciliota, cf. a seção 4, *infra*.

⁷ Essa também é a opinião de Luraghi (2013, p. 12).

⁸ Como assevera Gotter (2008, p. 176), “o rei não é rei porque é rei, mas porque repetidamente se mostra como rei tanto a seus súditos como a um conjunto potencial de súditos”.

lhe confere o direito de exercer o mando, projetando-o como uma figura heroica. (Mitchell, 2013)

Essa “política da *aretê*”, na definição de Mitchell (2013, p. 58), a qual compreendia a celebração de vitórias atléticas, a fundação de cidades e a construção de templos monumentais,⁹ não deve ser entendida como um mero exercício de propaganda. Segundo Thatcher (2021, p. 87), as estratégias visavam criar, dentro da estrutura da pólis, um consenso entre os cidadãos sobre a legitimidade do regime.

O ocaso dos Deinomênidas em Siracusa, como assevera Mitchell (2013, p. 57), dá pistas de que o exercício da tirania apenas pelo uso da força nem sempre garantia a estabilidade de um governo: Trasíbulo, o terceiro membro da família a ocupar o trono siracusano, manteve-se como tirano por cerca de dez meses, derrubado pela revolta popular que eclodiu em virtude da violência de seu regime.¹⁰

O que diferenciou a tirania de Trasíbulo da de seus antecessores, Gelão e Hierão? A manutenção do monopólio da força não lhes era estranha: o uso de tropas de mercenários vindas de diversas partes do Mediterrâneo grego permaneceu durante os governos dos três tiranos (Luraghi, 1994, p. 301-302; Hirata, 2009, p. 125). Foi o investimento sistemático na preservação do frágil consenso de legitimidade do regime que possibilitou aos dois primeiros Deinomênidas que concluíssem seus

⁹ Trigger (1990, p. 124), vale-se do conceito de “consumo conspícuo de energia” para explicar o fenômeno da arquitetura monumental: “a habilidade de despender energia, sobretudo na forma de trabalho de outras pessoas, em formas não-utilitárias, é entendido como o símbolo mais básico e universal de poder”. Ele considera que “a arquitetura monumental e a produção de artigos pessoais de luxo se tornam símbolos de poder porque eles se passam a ser vistos como a encarnação de grandes quantidades de energia humana e, portanto, simbolizam a habilidade daquele para o qual foram feitos em controlar esta energia em um grau incomum”. Hirata (2009, p. 122-123) destaca o aparecimento de projetos construtivos na Sicília grega a partir do fim do século VI. Os templos construídos pelas tiranias de Ácragas e Siracusa, muito maiores do que seus contemporâneos na Grécia balcânica, são um exemplo do “consumo conspícuo de energia” que projeta o poder dos tiranos. *Todas as traduções de línguas modernas contidas neste trabalho são de minha autoria.*

¹⁰ O episódio é narrado por Aristóteles (*Pol.* 5.1315b38, cf. Rackham, 1932), que estima a duração do reinado de Trasíbulo em dez meses, e por Diodoro Sículo (*Dio.* 11.66.4 ss., cf. Oldfather, 1946), segundo o qual o terceiro Deinomênida se manteve por um ano no trono siracusano.

reinados da forma mais inusual aos tiranos: a morte natural no exercício do cargo.

Em regimes fundados na dominação carismática, a estabilidade se adquire através da “rotinização”,¹¹ fenômeno pelo qual o carisma se tradicionaliza e se racionaliza, aproximando-se das formas de dominação consideradas mais permanentes, a “dominação tradicional”, fundada na tradição e em práticas costumeiras, e a “dominação legal”, que depende da criação de uma burocracia e de um aparato jurídico-legal.¹²

No contexto de Siracusa, a rotinização do carisma se estabeleceu sobretudo pela via da tradição: a identidade políade — em suas várias facetas, grega, dórica, siracusana, siciliota¹³ — encontrava-se no cerne do projeto político de construção da legitimidade do regime dos Deinomênidas. Para além da projeção da própria excelência, Gelão e Hierão buscaram, a todo custo, fazer da dinastia parte integrante do complexo de crenças, práticas e símbolos que formavam a noção do que é ser siracusano (Thatcher, 2021).

O epinício, gênero que ficou indelevelmente associado aos Deinomênidas na Sicília,¹⁴ foi um veículo de vital importância na promoção da imagem da tirania de Hierão (478-468) (Mitchell, 2013, p. 14). Executadas em grandes festivais públicos em Siracusa e Etna,¹⁵ mas também destinadas à

¹¹ Cf. Weber (2012, p. 161-167) para uma discussão completa do fenômeno da “rotinização do carisma”.

¹² Cf. Mann (2013, p. 42-45) uma discussão atualizada das tiranias do ocidente grego sob a perspectiva da “Teoria da Dominação” de Max Weber.

¹³ Thatcher (2021, p. 3) defende a ideia de coexistência dessas múltiplas identidades coletivas, não-hierarquizada: um cidadão de Siracusa é grego, dórico, siciliota e siracusano ao mesmo tempo. O manejo de cada uma dessas identidades permitiu aos tiranos Deinomênidas o uso de diversas ferramentas, como o comissionamento de poesia, a construção de mitos e a cunhagem de moedas. Optou-se pelo gentílico *siciliota* (já empregado por Hirata, 1996/1997), vernacularizado a partir de *sikeliōtēs*, para designar os povos de extração grega da Sicília antiga, em contraposição a *siciliano*, a fim de evitar confusões com a Sicília dos dias de hoje, cuja identidade cultural é tributária não só das comunidades epicóricas e da colonização grega e cartaginesa na Antiguidade, mas também da dominação romana, das conquistas bizantina, normanda, árabe e espanhola.

¹⁴ Nicholson (2015, p. 130) defende que os Deinomênidas se utilizaram do epinício como um veículo de promoção da ideologia oficial, em um período de grande instabilidade política na Sicília grega.

¹⁵ *Apoikia* fundada por Hierão de Siracusa em 475/4, no território antes ocupado por Catânia.

performance em ambientes privados (Hirata, 1996-1997, p. 70-71),¹⁶ as odes se constituíram como um eficaz meio de propagação do “excesso de *aretê*” que, segundo Mitchell (2013, p. 58), é fundamental na construção da legitimidade de um governante.

2 “Atlopolítica”: os Deinomênidas nas competições atléticas dos festivais pan-helênicos

Nicholson (2015, p. 79) chamou de “atlopolítica”¹⁷ a confluência entre ação política e vitória atlética no ocidente grego na virada do século VI ao V. Esse fenômeno não abarcou apenas participação da aristocracia siciliota e da Magna Grécia nas competições atléticas dos jogos pan-helênicos — os Deinomênidas em especial —, mas a promoção do sucesso atlético, nas mais diversas mídias: epinícios, narrativas orais (chamadas por ele de narrativas do herói-atleta), dedicações em santuários, objetos cerâmicos ou na cunhagem de moedas.¹⁸

Frequentados pela aristocracia das pólis da Sicília e da Magna Grécia desde as primeiras décadas do século VI,¹⁹ as competições atléticas dos festivais pan-helênicos se constituíram como um espaço importante para a legitimação das elites e a afirmação das identidades locais.²⁰ Nicholson (2015, p. 79-80) salienta que as cidades do ocidente

¹⁶ Morrison (2007) discute os diferentes contextos de performance das odes de Píndaro comissionadas por vencedores da Sicília.

¹⁷ Traduz-se aqui como “atlopolítica” o termo em inglês *athlopolitics*, cunhado por Nicholson na monografia *The Poetics of Victory in the Greek West*, que aglutina *athlete* (atleta) com *politics* (política).

¹⁸ Nicholson (2015, p. 79) considera que todas essas expressões da promoção do sucesso atlético são parte de uma estratégia de ação política organizada entre os gregos da Sicília e da Magna Grécia.

¹⁹ Lewis (2020, p. 5-6) anota que já há registro arqueológico de oferendas provenientes da Sicília e do Sul da Itália no sítio de Olímpia. Valavanis (2021, p. 114) lembra que Dâipos de Crotona foi o primeiro vencedor em jogos pan-helênicos oriundo das colônias gregas do oeste em 672, pressagiando a grande dominância dos atletas de sua pólis natal na corrida a pé e na luta até o início do século V.

²⁰ Antonaccio (2006, p. 285) lembra que “Olímpia e Delfos se tornaram os principais locais para a proclamação de identidades ocidentais, especialmente para os tiranos do oeste, mas também para seus precursores. A atividade inicial ocidental em Olímpia e outros lugares abre o caminho que leva ao ápice desse investimento do final do século VI ao século V”.

grego dominaram as listas de vencedores dos Jogos Olímpicos do início do século VI até meados do século V, a despeito da distância de Olímpia, já que a viagem até os santuários da Grécia balcânica envolvia grande dispêndio de recursos, principalmente nas modalidades equestres, as mais prestigiosas dos *agônes* (Nicholson, 2021, p. 244).

A presença expressiva de nomes de atletas da Sicília nas listas de vencedores dos jogos pan-helênicos, durante as primeiras décadas do século V, não significou, como alerta Mann (2001, p. 236), um inesperado crescimento da *hippotrophía* na ilha, mas um reflexo da atividade dos tiranos e seus familiares. De acordo com Luraghi (2011, p. 28), “o tirano arcaico parece ter se comportado como uma espécie de aristocrata profissional, tomando parte de forma sistemática e organizada em todas as atividades de lazer que marcaram o estilo de vida das elites da Grécia arcaica”.

Reservadas, como diz Luraghi (2011), à fatia mais abastada da aristocracia grega, em virtude “do seu custo muito alto e da total inutilidade dos cavalos de corrida” (Luraghi, 2011, p. 27) para fins práticos, as competições nas corridas de cavalos e de quadrigas eram especialmente atraentes aos tiranos. Além de constituírem em si uma exibição de riqueza sem precedentes, as modalidades equestres tinham uma particularidade importante: os vencedores não eram aqueles que competiam pessoalmente no turfe, mas os proprietários dos animais, o que permitia aos tiranos e seus associados próximos participarem dos *agônes* sem necessariamente se deslocarem aos locais dos jogos, evitando, assim, a ocorrência de golpes de estado durante sua ausência.²¹

O patrocínio de poetas, cujos nomes incluíram além de Píndaro, Simônides, Baquilides e Ésquilo (Asheri, 1992), tornou-se uma importante estratégia de promoção e legitimação das tiranias siciliotas (Hirata, 2009). Entre os anos 470 e 468, Hierão comissionou a Píndaro quatro epínícios para si (*O. 1, P. 1, P. 2 e P. 3*),²² fato que o torna o maior

²¹ Para Luraghi (2011, p. 28), “teria sido extremamente problemático fazer uma pausa em suas atividades despóticas para treinar para os jogos, quanto mais viajar para os santuários pan-helênicos a fim de participar, oferecendo assim a seus concidadãos uma ocasião atraente para derrubar seu governo”.

²² Para o texto de Píndaro, cf. Snell & Maehler (1987) e Maehler (1989).

comitente individual do *corpus* pindárico.²³ A esses, somam-se outras três odes compostas para associados próximos do tirano (*O.* 6, *N.* 1 e *N.* 9).

3 O elogio de monarcas nos epinícios pindáricos

No seminal *The Traffic in Praise*, Kurke (1991) elabora o conceito de “tráfego” para explicar as complexas trocas e negociações que estão em jogo na composição do elogio da vitória atlética nos epinícios pindáricos. Esse “tráfego” se realiza por meio do trânsito de capital simbólico,²⁴ do reforço de vínculos familiares e comunitários e pela negociação de hierarquias sociais nos contextos cívico e aristocrático da sociedade grega tardo-arcaica (Mann, 2013).

Para demonstrar a existência desse sistema de trocas de capital simbólico, Kurke se debruça sobre três níveis de relações sociais: as do vencedor com seu *oikos*, com seus congêneres aristocratas e com a pólis. O epinício, assim, faria parte do esforço de reintegração do vencedor nessas esferas da vida social (Kurke, 1991), uma vez que a aquisição do *kýdos* atlético — a adaptação cívica daquele *kýdos* homérico sobre o qual já havia se debruçado Benveniste²⁵ — dota quem o porta de um poder talismânico capaz de alterar o balanço de forças que mantém a coesão e estabilidade do sistema (Kurke, 1991).

As estratégias empregadas por Píndaro na elaboração de um louvor atlético que enderece e acomode essas tensões variam, no entanto, de acordo com o *status* político do *laudandus*,²⁶ se *idiōtēs* ou *týrannos*. Quando o comitente é um cidadão privado, o desafio do poeta é tornar a glória adquirida com a vitória atlética um patrimônio comum

²³ O investimento de Hierão no comissionamento de epinícios fica ainda mais evidente se considerarmos as três odes compostas por Baquilides (*B.* 3, 4, 5; cf. Maehler, 2003).

²⁴ Kurke (1991, p. 8): “Podemos dizer que o epinício era o mercado para a negociação de capital simbólico. O que defini como a função do elogio de Píndaro — a reintegração do vencedor — pode ser interpretada como uma série de trocas sociais cujo objetivo é a gestão e redistribuição desse precioso bem”.

²⁵ Cf. Benveniste (1973, p. 346-356).

²⁶ Emprega-se a terminologia consagrada por E. Bundy (cf. 1986) nos seus *Studia Pindarica*, de 1962. *Laudandus* é o sujeito ao qual o elogio se dirige, *laudator*, o seu autor. (cf. Miller, 2019, p. 13).

do *oikos* e da *pólis*, parte de uma sucessão de vitórias que engrandece a família do vencedor e ao mesmo tempo adorna a cidade, o que faz da comunidade política coparticipante do prestígio que emana da vitória – em uma tentativa de desarmar a emergência da inveja (*phthónos*) entre os concidadãos e mitigar ambições tirânicas.

Em contrapartida, diz Kurke (1991, p. 224), nos epinícios que têm tiranos como comitentes, o poeta faz uso de uma “retórica de extremos” condizente com a posição de preeminência de seus patronos – o tratamento do tema da inveja, por exemplo, é paradoxal em relação às odes para indivíduos privados: nas odes para tiranos, a ameaça do *phthónos* é muitas vezes desconsiderada, ou vista como um sinal da excelência do governante (*P.* 1.85, v. g.).²⁷

No elogio aos tiranos, entra em ação o que Race (1973, p. 65) denominou de “loa superlativa”,²⁸ “que contém uma declaração superlativa de louvor que coloca o *laudandus* acima de todos os outros homens”, pondo em relevo a munificência dos *týrannoi*.

Para Mann (2013, p. 28), a metodologia empregada por Kurke é exemplar em muitos aspectos, mas peca em não levar em conta diferentes contextos políades.²⁹ Segundo o autor “os epinícios iluminam não só a troca simbólica de bens no mundo grego do século V, mas também nos revelam isso em relação a uma *pólis* específica, com seu contexto político e social particular” (Mann, 2013, 2013, p. 28).

A crítica de Mann (2013, p. 40-41) torna-se especialmente relevante ao nos debruçarmos sobre as odes compostas para os tiranos siciliotas, seus familiares e associados próximos. Nos epinícios para os Emênidas de Ácragas, que têm como *laudandi* Terão, o tirano (*O.* 2 e *O.* 3) e seu irmão Xenócrates — uma composta em vida (*P.* 6) e outra póstuma, comissionada pelo filho Trasíbulo (*I.* 2) —, a representação do regime é

²⁷ Luraghi (2011, p. 33, n. 30) vê na passagem a reversão do *tópos* do discurso anti-tirânico: o tirano é invejado porque é o “melhor entre os cidadãos”.

²⁸ Traduz-se por “loa superlativa” a expressão *superlative vaunt*, empregada por Race (1973, p. 64-78; 1987, p. 138-139).

²⁹ A autora faz reparo à própria metodologia em texto mais recente (Kurke, 2021), sublinhando as especificidades dos contextos individuais e poliade nos diferentes epinícios pindáricos, o que, em absoluto, não invalida os importantes avanços que *The Traffic in Praise* (1991) trouxe aos estudos pindáricos.

mais alinhada aos valores aristocráticos. Na *Olimpica* 3, o *kýdos* obtido pelo sucesso agonístico é compartilhado por toda a família dos Emênidas (*O.* 3.38-39, tradução de R. de Brose),³⁰ procedimento semelhante ao que ocorre nas odes para os vencedores de Egina, por exemplo (cf. *O.* 8.75, tradução de R. de Brose)³¹ Na *Olimpica* 2, a ascendência do tirano é chamada de “olho da Sicília” (*Sikelías...ophtalmós*, *O.* 2.9-10, tradução de R. de Brose)³² e seu irmão, Xenócrates, vitorioso em Delfos e no Istmo, é denominado coerdeiro (*homóklaron*, *O.* 2.49, , tradução de R. de Brose).³³

Embora a presença da “loa superlativa” seja incontestável — Píndaro elogia em uma *gnómē* sua riqueza adornada com virtudes (*plóutos aretaís*, *O.* 2.53), qualificando-a depois “luz para o homem” (*andri phéngos*, *O.* 2.56, tradução de R. de Brose),³⁴ além de declarar que Terão tocou os pilares de Hércules (*haptétai...Hērákleos stalân*, *O.* 3. 43-44, tradução de R. de Brose),³⁵ epítome da realização humana —, o poeta em nenhum momento o chama de *basileús* (Harrell, 2002): o tirano é cognominado “baluarte de Ácragas” (*éreisma Akrágantos*, *O.* 2. 6) e “sustentáculo da cidade” (*orthópolin*, *O.* 2.7, tradução de R. de Brose)³⁶ e em cem anos,

³⁰ ἐμὲ δ' ὦν πα θυμός οὔτ' ῥύνει φάμεν Ἑμμενίδαις | Θήρωνί τ' ἔλθειν κῦδος εὐίπων διδόντων
Τυνδαριδᾶν / “A mim, de algum modo, o ânimo impele-me a dizer que aos Emenidas | e a
Terão acada glorioso condão dos alfarazes filhos de Tíndaro”. Todas os excertos dos epinícios
de Píndaro que constam neste artigo foram extraídos da edição de Snell & Maehler (1987).

³¹ ἀλλ' ἐμὲ χ' ῥῆ μιν αἰσύναν ἀνεγείροντα φ' ῥάσαι | χειρῶν ἄωτον Βλεψιάδαις ἐπίνικον,
ἔκτος οἷς ἤδη στέφανος περίκειται | φυλλοφόρων ἀπ' ἀγώνων. / “Quanto a mim, a
Memória devo acordar para contar | aos Blepsíadas, das mãos a flor epinicia, aos quais
seis lauréis já coroaram | nos jogos estefanitas”.

³² Σικελίας τ' ἔσαν | ὀφθαλμός / “Eram, da Sicília, | o luminar”.

³³ Πυθῶνι δ' ὁμόκλαρον ἐς ἀδελφεόν | Ἴσθμοι τε κοινὰ Χάριτες ἄνθεα τεθρίπων
δυωδεκαδρόμων | ἄγαγον / “e em Pito | e no Istmo, ao seu irmão consorte as Graças
que lhes são comuns flores da quadriga decaguiada | lhe trouxeram”.

³⁴ ὁ μὲν πλοῦτος ἀρεταῖς δεδαιδαλμένος φέρει τῶν τε καὶ τῶν | καιρὸν βαθεῖαν ὑπέχων
μέριμναν ἄγ' ῥοτέραν | ἀστήρ ἀρίζηλος, ἐτυμώτατον | ἀνδρὶ φέγγος / “A riqueza, se
de virtudes adornada, faz, de uma coisa ou de outra, | a oportunidade, e alta suscita,
uma ambição rapaz, e o mais veraz | luminar a um homem”..

³⁵ νῦν δὲ πρὸς ἐσχατιὰν Θήρων ἀρεταῖσιν ἰκάνων ἄπτεται | οἴκοθεν Ἑρακλέος σταλᾶν / “agora
Terão, desde sua casa, aos confins chegando das virtudes toca | nas colunas de Hércules”.

³⁶ Θήρωνα δὲ τετρα<ao>ρίας ἔνεκα νικαφόρου | γεγωνητέον, ὅπῃ δίκαιον ξένων, ἔρεισμι
Ἀκ' ῥάγαντος, | εὐωνύμων τε πατέρων ἄωτον ὀρθόπολιν / “E Terão, pela quadriga

afirma-se, nenhuma outra pólis gerou tamanho benfeitor (*euergétan*, O. 2.94, tradução de R. de Brose).³⁷

A representação de Hierão de Siracusa nos epinícios de Píndaro é completamente distinta da de seu congênere acragantino. Como já havia observado Mann (2001, p. 257), Gelão, o grande vitorioso sobre os púnicos em Himera (480) e primeiro governante da dinastia, tem seu protagonismo diluído com a menção aos “filhos de Deinomenes” na *Pítica* 1 (*paidéssin Deinoméneos*, P. 1.79, tradução de R. Tieri-Brito e C. Werner).³⁸ As vitórias familiares no cenário pan-helênico, como a de Gelão na quadriga dos Jogos Olímpicos de 488, e a de Polízalo na mesma modalidade nos Jogos Píticos de 478 também são omitidas, em claro contraste com os epinícios para os Emênidas.³⁹

Ao analisar os quatro epinícios compostos por Píndaro em honra de Hierão de Siracusa, Mann (2001, p. 253) observa que o indivíduo, e não a pólis, está no centro do louvor à vitória atlética, e identifica sete traços distintivos no elogio do tirano nessas ode: (i) o elogio direto de Hierão é numeroso, tanto no concernente aos valores gerais da aristocracia grega tardo-arcaica, como à posição política como único governante da Siracusa, além de seus feitos individuais; (ii) o elogio da pólis é marginal ou totalmente ausente; (iii) aspectos da vida pessoal do tirano, como sua doença,⁴⁰ são mencionados; (iv) a relação de Hierão com os deuses, e a proteção deles

vitoriosa, | há de ser celebrado. Na reverência com os hóspedes, justo. A coluna de Ácragas, | arrimo da cidade, e fina flor de renomados ancestrais”.

³⁷ O. 2.93-95: τεκεῖν μὴ τιν’ ἑκατόν γε ἐτέων πόλιν φίλοις ἄνδρα μᾶλλον | εὐεργέταν πρᾶπισιν ἀφρονέστερόν τε χέρα | Θήρωνος. | “Gerar não vai, em cem anos ao menos, cidade alguma, um homem aos amigos de mais | benfazejo intento ou de mão mais generosa que Terão”. Cf. Mann (2013, p. 40) para uma apreciação do tema.

³⁸ παρ<α> δὲ τὰν εὐνδ’ρον ἀκτὰν Ἱμέρα παῖδεςσιν ὕμνον Δεινομέν<εο>ς τελέσαις / “e, junto da margem abundante em água do Himera, finalizarei um hino para os filhos de Deinomenes”.

³⁹ Mann (2001, p. 288) especula que Terão exercia a tirania em Ácragas com menos dinamismo do que Gelão e Hierão. Ainda segundo o autor, após a batalha de Himera e o tratado de paz com os cartagineses, os Emênidas passaram a ocupar uma posição de menor senioridade na aliança militar com Siracusa.

⁴⁰ Os escólios às *Píticas* esclarecem que Hierão sofria de alguma forma de doença renal ou do sistema urinário, denominada ora *dysouría* (*Schol. Pind. P. 1.89*) ou *lithouría* (*Schol. Pind. P. 1.91*; *Schol. Pind. P. 3. inscr. a*), cf. também *Schol. Pind. P. 3.87* (Mann, 2001, p. 260, n. 869).

recebida, têm menção direta; (v) o motivo convencional dos epinícios no qual a pólis tem um papel na vitória atlética ou não é mencionado ou tem papel secundário em relação ao elogio do tirano; (vi) as transições entre as partes mitológicas e encomiásticas são marcadas pela paralelização entre Hierão e as figuras mitológicas; e (vii) esses paralelos também estão presentes nas narrativas mitológicas, de forma a criar uma “rede associativa” de sentidos que servem à elevação do vencedor ao *status* de herói.

4 Herói e monarca: o elogio direto de Hierão

Luraghi (1994, p. 355-356) já havia notado as semelhanças entre o elogio de Hierão de Siracusa e do rei Arcesilau de Cirene nos epinícios pindáricos. O encômio aos dois comitentes compartilha de um vocabulário comum que os associa aos monarcas da poesia hexamétrica, a começar pelo título de *basileús*. Havia, no entanto, uma diferença incontornável entre eles: enquanto Arcesilau era membro de uma dinastia que remontava à fundação de Cirene (P. 4.65), Hierão era um tirano, um líder carismático no sentido weberiano cuja posição política carecia da pátina da tradição de seu congênere do norte da África.

Para Mann (2013, p. 253), o louvor de Píndaro a Hierão passa pela apropriação de uma linguagem utilizada por Homero para se referir a heróis ou até mesmo deuses. Além do elogio da riqueza do tirano (O. 1.10-11: *aphneàn...hestían*; P. 1.50: *plóútou stephánōn 'agérōkhon*; P. 2.56: *tò plouteîn*; e P. 2.59: *kteátessí*, tradução própria),⁴¹ seus *timá* e *kléos* (O. 1.23: *lámpei dé hoi kléos*; P. 1.48: *timán*; e P. 2.59: *tímāi*, tradução de R. Tieri-Brito e C. Werner),⁴² o poeta também engrandece

⁴¹ κελαδεῖν | Κρόνου παῖδ' ἐς ἀφνεᾶν ἰκομένους | μάκαιραν Ἰέρωνος ἐστίαν / “para celebrar | o filho de Crono, ao opulento lar venturoso de Hierão”, Tradução de Ragusa (2013, p. 246); P. 2.56: “τὸ πλουτεῖν δὲ σὺν τύχῃ πότμου σοφίας ἄριστον”. / “Enriquecer com a graça da sabedoria dada pela fortuna é melhor”, Tradução minha; P. 2.58-61: εἰ δέ τις | ἥδη κτεάτεσσιν τε καὶ περὶ τιμῇ λέγει | ἔτερόν τιν' ἂν' Ἑλλάδα τῶν πάροιθε γενέσθαι ὑπέρτερον | χάυνᾳ πραιπιδὶ παλαιμονεῖ κενεά. / “E se alguém | agora diz que, quanto à honra e riquezas, houve outrora algum outro na Hélade superior a ti, | luta em vão com a mente vazia”.

⁴² O. 1.23-24: λάμπει δέ οἱ κλέος | ἐν εὐάνορι Λυδοῦ Πέλοπος ἀποικία / “Para ele brilha a glória | na colônia de bons varões do lídio Pélops”. Tradução de Ragusa (2013, p. 247);

todas as suas virtudes (*O.* 1.13: *koryphàs aretàn ápo pasân*, tradução de G. Ragusa).⁴³ Outra passagem representativa dessa apropriação homérica, de acordo com Mann (2001, p. 253-254) se encontra na *Pítica* 2 (v. 62-67, tradução própria):

εὐανθέα δ' ἀναβάσομαι στόλον ἀμφ' ἀρετᾷ
κελαδέων· νεότατι μὲν ἀρήγει θράσος
δεινῶν πολέμων· ὅθεν φαμὶ καὶ σὲ τὰν
ἀπείρονα δόξαν εὐρεῖν, 64
τὰ μὲν ἐν ἵπποσόαισιν ἄνδρεςσι μαρνάμενον,
τὰ δ' ἐν πεζομάχαισι· βουλὰὶ δὲ πρεσβύτεραι 65
ἀκίνδυνον ἐμοὶ ἔπος <σὲ> ποτὶ πάντα λόγον
ἐπαινέειν παρέχοντι.

Eu embarcarei na proa adornada de flores, tua excelência
celebrando. A coragem ajuda a juventude
nas terríveis guerras. Por isto eu digo que também tu
encontraste fama ilimitada 64
ora combatendo na cavalaria,
ora na infantaria. E as tuas maduras deliberações 65
permitem-me louvar-te em tudo o que digo
sem nenhum risco.

Na passagem, cuja função é de transição entre a parte encomiástica do epinício e a coda epilógica que ocupa toda a quarta tríade da *Pítica* 2 (v. 67-96), o elogio da virtude de Hierão (*aretâi*, v. 67) é desdobrado em duas partes: o tirano excele tanto no campo de batalha, isto é, na infantaria e na cavalaria, como na madureza das suas deliberações. Esse modelo de virtude, lembra-nos Mann (2001, p. 254), é o mesmo da épica homérica, em especial o da *Iliada*, na qual as figuras de Aquiles e Odisseu epitomizam essa face dúplice da excelência.

P. 1.48-49: ἀνίχ' εὐρί σκοντο θεῶν παλάμαις τιμάν | οἶαν οὕτως Ἑλλάνων δρέπει πλούτου στεφάνωμ' ἀγέρωχον./ “quando pelas mãos dos deuses encontraram honraria | tal que nenhum dos helenos colhe, coroa ativa de riqueza”. *P.* 2.59: cf. nota anterior, *supra*.

⁴³ θεμιστεῖον ὃς ἀμφέπει σκᾶπτον ἐν πολυμήλῳ | Σικελίᾳ δρέπων μὲν κορυφὰς ἀρετᾶν ἅπο πασᾶν / “que brande o legítimo cetro | na Sicília de muitos pomos, colhendo os púcaros de toda a excelência”..

Nessa mesma toada, o uso do qualificativo *hippokhárman* para se referir a Hierão, na *Olímpica* 1 (O. 1.23: *hippokhárman basilêa*), retoma o adjetivo homérico *hippiokhármēs*, que na *Ilíada* e na *Odisseia* são utilizados para se referir a condutores de carros de guerra (*Il.* 24.257; *Od.* 11.259),⁴⁴ o que para Mann (2013, p. 29) aproxima os sucessos agonísticos do tirano de Siracusa às gestas heroicas da poesia hexamétrica.

Píndaro também emprega, nos epinícios dedicados a Hierão, uma série de vocábulos que em outros contextos utiliza majoritariamente para se referir aos deuses. Um exemplo paradigmático é *mákar*, “bem-aventurado”, que no *corpus* pindárico aparece associado a monarcas apenas em dois contextos: no das odes para o tirano siracusano (O. 1.11: *mákairan Hiérōnos hestian*, referindo-se à lareira de Hierão) e nos dois epinícios dedicados ao rei Arcesilau de Cirene (P. 4.59, referindo-se a um ancestral de Bato, fundador da cidade; P. 5.11, à lareira do rei; e P. 5.40, ao próprio soberano cirenaico [Mann, 2001, p. 254]). Para Mann (2013, p. 29), “ao aplicar essa palavra a Hierão, a fronteira com a esfera divina é ultrapassada”.

Tal procedimento, o de aproximar o tirano das divindades, em um exercício claro de “loa superlativa”, igualmente se verifica em outras passagens: no proêmio da *Pítica* 2, a quadriga do tirano é adjetivada por meio de *elelikhtōn* (P. 2.4), “sacode-terra”, cuja variante em Homero, *enosikhtōn* (*V.g. Il.* 7.445; *Od.* 5.366.), é um epíteto de Posidão (Mann, 2013).

No primeiro epinício — sem datação controvertida — que Hierão comissionou a Píndaro, a *Olímpica* 1 (476), começa a operar o que Luraghi (2011, p. 32) chama de um “complexo terminológico” que associa o tirano siracusano aos monarcas da poesia hexamétrica: Hierão é o *Sirakósios hippokhármas basiléus* (O. 1.23, tradução de G. Ragusa), o “rei siracusano que ama os cavalos”, “que brande o legítimo cetro” (*themistheíon... skâpton*), “na Sicília rica em pomos” (O. 1.12-13, tradução de G. Ragusa).⁴⁵ O cetro, como lembra Luraghi (2011, p. 32), “é um atributo direto da monarquia divina ou heroica: ele pertence aos *basileús* homéricos, e Píndaro e Baquilides o atribuem a Zeus, Héstia, Tlepólemo e Pélias”. O adjetivo *themistheíōs* também é significativo: nas

⁴⁴ Cf. para *Il.* Ciani; Avezzù (1998) e Werner (2018a). Para *Od.* Ferrari (2001) e Werner (2018b).

⁴⁵ θεμιστεῖον ὃς ἀμφέπει σκᾶπτον ἐν πολυμάλῳ. Texto grego seguindo a emenda adotada por Gentili (2012, p. 28).

odes eginetas, *Thémis* está associada à justiça dos cidadãos de Egina, que a entronizaram como divindade mais venerada (v. g. *O.* 8.20-23), portanto à coletividade da pólis. Na *Olímpica* 1, *thémis* deriva do cetro,⁴⁶ que serve de metonímia para o monarca (Mann, 2001), em claro diálogo com a tradição hexamétrica: na *Iliada* (2.204-6, , tradução de C. Werner, grifos próprios), diz Odisseu aos aqueus

[...] εἷς κοίρανος ἔστω,
εἷς βασιλεύς, ᾧ δῶκε Κρόνου πάϊς ἀγκυλομήτεω
σκήπτρόν τ' ἡδὲ θέμιστας, ἵνα σφισι βουλευῆσι.

[...] que haja um só chefe,
um só rei, a quem deu o filho de Crono curva-astúcia
o cetro e as normas para com eles reger.

Ao discutir essas duas passagens, de Píndaro e Homero, Harrell (2002, p. 442) sublinha que *themisteíon skâpton* sugeriria imediatamente à audiência da performance do epinício as ligações entre Zeus e os *basileis*. *Thémis*, como lembra a estudiosa, é outra divindade com fortes ligações com Zeus: na *Teogonia*, depois de estabelecer o seu domínio e engolir *Métis*, Astúcia (*Th.* 886-900), o Cronida desposa *Thémis*, Norma, em segundas núpcias, e dessa união nascem as Horas, “Decência, Justiça e a luxuriante Paz” (*Th.* 901-902, tradução e texto grego de C. Werner).⁴⁷

O cetro como atributo de Hierão aparece em outro epinício pindárico, a *Olímpica* 6, dessa vez comissionado por um associado próximo, Hagésias, mercenário a serviço de Hierão, que recebe do poeta a alcunha de *synoikistér*, “cofundador”, de Siracusa (*O.* 6.6). Na quinta antístrofe da ode (v. 92-96, tradução própria), Píndaro insere um encômio

⁴⁶ Mann (2013, p. 29) lembra que Hierão não serve apenas como garantidor da ordem interna e segurança da pólis, mas também como protetor de ameaças externas, como fica evidente no tratamento do conflito com os cartagineses (*P.* 1.69 ss.) e na intervenção militar em favor de Locros Epizefirios (*P.* 2.18 ss.)

⁴⁷ Harrell (2002, p. 442) destaca outra passagem da *Teogonia* em que *thémis* e *diké* são retratados como “aspectos complementares do governo do rei épico”: οἱ δὲ νῦ λαοὶ | πάντες ἐς αὐτὸν ὁρῶσι διακρίνοντα θέμιστας | ἰθείησι δίκησιν / “as gentes | todas miram quando decide entre sentenças | com retos juízos” (*Th.* 84-86, cf. Werner, 2022, p. 44-43).

ao tirano de Siracusa, muito provavelmente a *éminence grise* responsável pela encomenda do poema:

εἶπον δὲ μεμνᾶσθαι Συρα-
κοσσᾶν τε καὶ Ὀρτυγίας· 92
τὰν Ἱέρων καθαρῷ σκάπτῳ διέπων,
ἄρτια μηδόμενος, φοινικόπεζαν
ἀμφέπει Δάματρα λευκίπ-
που τε θυγατ' ῥὸς ἑορτάν 95
καὶ Ζηνὸς Αἰτναίου κράτος.

Diz-lhes que se recordem de Siracusa
e de Ortígia, 92
que Hierão rege com puro cetro,
atento às coisas justas, e honra
Deméter dos pés purpúreos, a 95
festa da filha de níveos cavalos
e o poder de Zeus Etneu.

Harrell (2002, p. 443) observa que ao passo que Hierão empunha o cetro em Ortígia, o centro político e religioso de Siracusa, sua posição como hierofante, ao presidir o culto de Deméter e *Kórē*, também está em relevo. A menção a Zeus Etneu, a divindade tutelar da nova *pólis* de Etna, enriquece a rede de sentidos que associa o poder do tirano ao rei dos deuses.

Na *Pítica* 2, que tem como data *post quem* o início do reinado de Hierão (478/7), o tirano só é chamado de *basileús* indiretamente, na *gnōmē* que introduz o exemplo mítico de Cíniras (*P.* 2.13-14, tradução própria),⁴⁸ e recebe o título de *prýtanis* e *kýrios* (*P.* 2.58, tradução própria) no chamamento que abre o segundo elogio do vencedor: πρύτανι κύριε πολλᾶν μὲν εὖστεφάνων ἀγυῖαν καὶ στρατοῦ / “senhor soberano de muitas vias bem-muradas e de seu povo”. *Prýtanis*, como observa Luraghi (2011, p. 33), um vocábulo de raiz anatólia, denomina em várias *pólis* a mais importante das magistraturas, além de aparecer, na poesia mélica, associado a divindades; em Estesícoro, por exemplo, refere-se a Posidão (*frag.* 235 PMG; Cf. Page, 1962) e em Píndaro, a Zeus (*P.* 6.24).

⁴⁸ ἄλλοις δὲ τις ἐτέλεσσεν ἄλλος ἀνὴρ | εὐαχέα βασιλεῦσιν ὕμνον ἄποιν' ἀρετᾶς / “Para cada rei, outros varões compuseram | sonoros hinos como recompensa pela excelência”.

A *Pítica* 3, outro dos epinícios pindáricos de datação controversa, apresenta a única atestação da palavra *týrannos* relacionada a Hierão (*P.* 3.84-86, tradução própria):

τὴν δὲ μοῖρ' εὐδαιμονίας ἔπεται.
λαγέταν γάρ τοι τύραννον δέρεται,
εἷ τιν' ἀνθρώπων, ὁ μέγας πότμος.

teu quinhão de felicidade te acompanha,
pois, em verdade, o grande destino, se por algum
homem zela, é pelo tirano condutor do povo.

Esse desvio, no entanto, não configura uma súbita chamada às falas, por parte de Píndaro, endereçada ao governante de Siracusa. Como anota Luraghi (2011, p. 34), o emprego de *týrannos* na passagem não é em sentido pejorativo, visto que o substantivo é modificado pelo raro epíteto *lagétas*, que tem raiz no micênico *ra-wa-ke-ta*, utilizado para designar a categoria de líder militar que servia de lugar-tenente ao *wa-na-ka* (que deu origem ao termo grego *ánax*).⁴⁹ Em outras passagens pindáricas, o epíteto é apostado ao nome de Éolo (*P.* 4.170), ao de Perseu (*P.* 10.31) e ao dos filhos de Pélops (*O.* 1.89). “*Lagetas*”, assim, “é claramente um nome para líderes heroicos, uma espécie de equivalente na lírica coral de epítetos formulares épicos como *poimêm laôn*, que em Homero indica os *basileis*: mais uma palavra do tipo de *prýtanis* e *árchos*” (Luraghi, 2011, p. 35).

Uma última passagem, também da *Pítica* 3, oferece, de acordo com Mann (2013, p. 29), um retrato do tirano que se desvia de sua caracterização geral, se a compararmos com as outras três odes que ele comissionou a Píndaro. Referindo-se a Hierão, a quem nomeia “hóspede Etneu” (*aitnaíon xénon*, *P.* 3.69), diz o poeta “que aos siracusanos pastoreia, um rei | gentil com os cidadãos, pródigo com os nobre e aos hóspedes, admirável pai” (*P.* 3. 70-71, tradução de R. Brose).⁵⁰

Mann (2013, p. 30), recuperando as lições de Kurke (1991), observa que o poeta tebano enumera os três grupos com os quais Hierão estabelece o “tráfego” de capital simbólico: os cidadãos, os aristocratas

⁴⁹ Cf. Cingano (2012, p. 420) para uma discussão detalhada da passagem.

⁵⁰ ὃς Συρακόσσαισι νέμει βασιλεύς, | πραῦς ἀστοῖς, οὐ φθονέαν ἀγαθοῖς, ξεῖνοις δὲ θαυμαστὸς πατήρ.

e os hóspedes (*xénoi*, *P.* 2.71). Esse relacionamento, no entanto, é assimétrico, visto que o tirano é denominado pai (*páter*, *P.* 2.71). O uso do adjetivo *praús* também é significativo: em outras atestações no *corpus*, Píndaro o emprega para descrever o alívio, divino ou mágico, de sofrimentos.⁵¹ A negação da inveja (*ou phthonéōn*, *P.* 2.71), que descreve a relação do tirano com a aristocracia da pólis (*agathoí*, *P.* 2.71), não implica, segundo Mann (2013 p. 30), a sua inexistência, mas põe em relevo a generosidade de Hierão.

5 O elogio da pólis nos epinícios siracusanos

5.1 Epinícios para Hierão: *O.* 1, *P.* 1, *P.* 2 e *P.* 3

Comum nos epinícios de Píndaro que tem como *laudandi* indivíduos privados, a representação da conquista atlética como algo capaz de conferir *kýdos* ao vencedor e sua pólis apresenta, nas odes comissionadas por Hierão, variações importantes. O que Kurke (2021, p. 309) identificou como uma das formas de expressão do “trânsito” do capital simbólico granjeado na vitória agonística, parte da complexa rede de negociações que marcam a reintegração do atleta vitorioso nas esferas da vida social, torna-se, nos epinícios para o Deinomênida, algo integralmente subordinado ao elogio direto e pessoal do tirano (Mann, 2001).

Na ode em que essa estratégia retórica de compartilhamento do *kýdos* agonístico entre *athētēs* e pólis é mais enfaticamente expressa, a *Pítica* 1, parece confirmar o padrão identificado por Mann (2001, p. 253). No epinício, Hierão é o “renomado fundador glorificou a pólis” (*kleinòs oikistēr ekýdanen pólin*, *P.* 1.31, tradução de R. Tieri-Brito e C. Werner) de Etna na pista pítica. Note-se que a posição do *laudandus* em relação à cidade é a de *hērōs ktistēs*, não a de um simples *primus inter pares* em contextos de monarquia aristocrática, fato que se torna mais evidente no segundo elogio ao vencedor, no qual Hierão espelha os Heraclidas ao dotar a *apoikía* de uma constituição de tipo dórica (*P.* 1.60-66) (Mann, 2001). Nas demais odes hieronianas, o nome de Siracusa sempre vem atrelado – ou melhor, subordinado – ao do tirano ou do título

⁵¹ Por exemplo *O.* 6.42; *P.* 4.136 (Mann, 2013, p. 30).

que encapsula sua posição política: assim, Hierão é o “rei siracusano” (*Syrakósion... basilêa*, *O.* 1.23) e o “que rege Siracusa como rei” (*hòs Syrakósiai némei basileús*, *P.* 3.70).

O único epinício no qual Siracusa recebe um elogio relativamente independente do tirano é a *Pítica* 2, que se abre com uma invocação à pólis (*P.* 2.1-2), cujas virtudes bélicas são imediatamente explicitadas: “Grandiosa pólis, ó Siracusa, terra sacra | de Ares imerso-na-guerra, divina nutriz de varões e corcéis exultantes-no-ferro” (tradução própria).⁵² No entanto, a excelência guerreira da cidade, *témenos Áreos*, “reflete a *areté* pessoal de Hierão, visto que na mesma tríade, quando se referindo à “liberação de Locros, apenas Hierão, e não Siracusa como um todo, é nomeada; assim, é inequivocamente claro a quem se deve a reputação de Siracusa como uma cidade guerreira” (Mann, 2001, p. 258).

5.2 Outras odes siciliotas: *O.* 6, *N.* 1, *N.* 9

Nos três epinícios compostos para associados próximos dos Deinomênidas, a *Olímpica* 6, comissionada para o mercenário Hagésias, e as *Nemeias* 1 e 9, dedicadas a Crômio, cunhado de Hierão, o elogio da cidade apresenta aproximações e distanciamentos em relação ao padrão encontrado nas odes comissionadas diretamente para o tirano de Siracusa.

Essas três canções têm datação incerta, podendo-se apenas estabelecer um *terminus post quem*, a fundação de Etna, explicitamente mencionada, seja diretamente, seja por metonímia, via sua divindade tutelar, Zeus Etneu (*O.* 6.96, *N.* 1.6 e *N.* 9.2 e 30) (Morgan, 2015).

Na *Olímpica* 6, a identidade de Hagésias é dupla: um lamida da Arcádia e um *synoikistēr* de Siracusa — o que, provavelmente, indica a refundação geloniana da pólis (Morgan, 2015). Os escólios (*Schol. Pind. O.* 6.30c)⁵³ informam que ele participou de muitas guerras com Hierão, que lhe servia de vidente — uma conexão clara, com a origem de sua estirpe, explorada no segmento mítico principal do epinício — e que foi executado logo após a queda de Trasíbulo, o último tirano Deinomênida (*Schol. Pind. O.* 6.165). A ode, que celebra uma vitória no carro de mulas

⁵² Μεγαλοπόλις ὃ Συράκοσαι, βαθυπολέμου | τέμενος Ἄρεος, ἀνδρῶν ἵππων τε σιδάροχαρμᾶν δαιμόνιαι τροφοί.

⁵³ Para a edição dos escólios a Píndaro citados neste artigo, cf. Drachmann (1997a; 1997b).

(*apénē*), refere-se a Siracusa somente no segundo elogio do vencedor, em sua última tríade (*O.* 6.92 ss.) e em clara conexão com Hierão, que é objeto de um encômio de seis versos (*O.* 6.92-97), no qual sua posição de rei e de sacerdote máximo da pólis são enunciados.

Nos epínícios para Crômio (*N.* 1 e 9), o encômio ao tirano exhibe um padrão semelhante. Na *Nemeia* 1, o elogio da pólis é, de todos, o mais elaborado, com a impressionante invocação à Ortígia (*N.* 1.1-6), que se desdobra em um “motivo de chegada”, trazendo a notícia da vitória a Siracusa (*N.* 1.7-12) e à Sicília, descrita como uma possessão de Perséfone, concedida a ela por Zeus (*N.* 13-17), culminando no louvor das vitórias olímpicas de Hierão (*N.* 1.17-18).

Embora a recém-fundada Etna seja mencionada *ipsis litteris* no proêmio da *Nemeia* 9 (v. 2), os sucessos bélicos dos Deinomênidas também são postos em relevo, como a vitória contra os cartagineses em Himera (*N.* 9.28 ss.) e contra os siracusanos em Heloros (*N.* 9.40 ss.), essa ainda na tirania de Hipócrates, mas com Gelão como principal general.

5.3 Depois dos Deinomênidas: a pólis nos epínícios para Psáumis de Camarina (*O.* 4 e *O.* 5)

Marco do ocaso do epínício na Sicília grega, as duas odes comissionadas por Psáumis de Camarina, embora envoltas em controvérsias de datação e autoria, oferecem uma janela importante para a realidade siciliota depois do colapso do regime dos Deinomênidas. Compostos durante o turbulento período que sucedeu à deposição de Trasíbulo, os poemas refletem o ressurgimento de Camarina, resultado da desintegração do sistema de fundações e migrações forçadas patrocinado pelos tiranos.

O próprio Psáumis, defende Nicholson (2011, p. 94-95), teria vínculos com o regime deposto, muito provavelmente um ex-combatente das tropas mercenárias que atuavam a serviço dos tiranos. Sua participação na refundação de Camarina em c. 461, uma *apoikía* estabelecida por Siracusa por volta de 558 e marcada por uma sucessão de revezes até sua destruição por Gelão em 485/4, indicaria a realocação de veteranos do exército dos Deinomênidas, expulsos de Siracusa em conjunto com Trasíbulo.

Barrett (2007) apresentou argumentos convincentes de que os dois epínícios foram compostos na mesma época – mas por poetas diferentes⁵⁴ – e destinados a louvar a vitória de Psêumis na corrida no carro de mulas (*apénē*) dos Jogos Olímpicos de 456. Nicholson (2011, p. 95) defende que a *Olímpica* 4, ao mesmo tempo em que evoca o regime de Hierão, oferece alternativas para o futuro, tornando o *laudandus* uma espécie de ponte entre o antigo regime dos tiranos e o da pólis refundada.

A *Olímpica* 4 tem clara intertextualidade com a *Pítica* 1, epínício que comemora a vitória de Hierão de Siracusa na quadriga dos Jogos Píticos de 470 e a fundação da pólis de Etna (475/4). A primeira coincidência é a imagem do Etna, o “peso ventoso do cem-cabeças, terrível Tifão” (*O.* 4.7, tradução própria),⁵⁵ que como na *Pítica* 1 (“Tifão de cem cabeças”, *P.* 1.15-16, tradução de R. Tieri-Brito e C. Werner, modificada),⁵⁶ serve de cárcere ao monstro (Nicholson, 2011). Outra correspondência, como aponta Nicholson (2011, p. 95-96), pode ser encontrada na estrutura da prece a Zeus Realizador na *P.* 1.69-70, que encontra uma elaboração semelhante no elogio do vencedor da *O.* 4.14-16:

P. 1.69-70:

σύν τοι τίν κεν ἀγητῆρ ἀνὴρ,
 υἱῷ τ’ ἐπιτελλόμενος, δᾶμον γεραί-
 ρων τράποι σύμφωνον ἐς ἡσυχίαν.

Contigo o homem que lidera,
 dando ordens ao filho, honraria o povo
 e o guiaria para harmoniosa concórdia

⁵⁴ Barrett (2007, p. 46-53) defende que a *Olímpica* 5 é espúria. Além do esquema métrico da ode – sem paralelo no *corpus* pindárico –, o autor observa que a duração das *stanzas* é incomum, que a excessiva cor local do epínício seria uma impossibilidade para Píndaro e que uma análise detida de passagens-chave da ode revela construções que se distanciam do estilo do poeta de Tebas. O autor também sublinha a informação transmitida pelo escoliasta (*Schol. Pind. O.* 5, inscr. a), de que a ode foi acrescida posteriormente ao *corpus* por Dídimo.

⁵⁵ ἀλλὰ Κ’ρόνου παῖ, ὃς Αἴτναν ἔχεις | ἵπον ἀνεμόεσσαν ἑκατογκεphάλα Τυφῶνος ὃβ’ ῥίμου, / “Mas tu, filho de Crono, que deténs o Etna | peso ventoso do cem-cabeças, terrível Tifão,”.

⁵⁶ ὃς τ’ ἐν αἰνᾷ Ταρτάρῳ κεῖται, θεῶν πολέμιος, | Τυφῶς ἑκατοντακάρανος / “entre eles, jazendo no horrífico Tártaro, inimigo dos deuses, | Tifão de cem cabeças”.

O. 4.14-16:

ἐπεὶ νιν αἰνέω, μάλα μὲν τροφαῖς ἐτοῖμον ἵππων,
χαίροντά τε ξενίαις πανδόκοις,
καὶ πρὸς Ἡσυχίαν φιλόπολιν καθαρᾷ
γνώμα τετραμμένον.

pois eu o louvo, ele que é muito zeloso na criação de cavalos,
e se alegra com hospitalidade toda acolhedora
e para a Concórdia amiga da cidade com pura
intenção se volta.⁵⁷

A invocação a Zeus Etneu (O. 4.6-4), defende Nicholson (2011, p. 96), indica outro eco da propaganda Deinomênida no epinício comissionado por Psâumis: proeminente na *Pítica* 1, essa forma de Zeus era a divindade tutelar da *apoikia*, e aparece na emissão monetária do período, em uma clara alusão à imagem da águia, pousada sobre o cetro de Zeus (P. 1.6-8).⁵⁸ Uma distinção importante entre as duas odes consiste justamente no compartilhamento do *kýdos* agonístico entre vencedor e pólis. Se no epinício para Hierão, a posição de fundador apropriava qualquer transmissão de capital simbólico, novamente, para o próprio tirano, na *Olímpica* 4 há uma clara retomada do *tópos* tão comum em odes para indivíduos privados: a vitória de Psâumis serve para “erguer o sucesso (*kýdos*) de Camarina” (O. 4.10-12, tradução própria).⁵⁹

Composta, como especula Barrett (2007, p. 53), por um poeta local, preservada ao lado de seu par genuinamente pindárico, e assim transmitida aos compiladores alexandrinos, a *Olímpica* 5 aprofunda o elogio da pólis e da família do atleta vitorioso ainda mais do que a *Olímpica* 4. Na conclusão do primeiro elogio do vencedor, no proêmio da ode (O. 1.1-8, tradução própria), recupera-se o *tópos* do compartilhamento do *kýdos* entre família e cidade, dirigindo-se a Camarina, o poeta diz que

⁵⁷ Traduções próprias.

⁵⁸ Cf. Morgan (2015, p. 66-68) para uma apreciação da tetradracma de Etna emitida durante o reinado de Hierão, que se encontra em uma coleção privada.

⁵⁹ Ψαύμιος γὰρ ἵκει | ὀχέων, ὃς ἐλαία στεφανωθείς Πισάτιδι κῦδος ὄρσαι | σπεύδει Καμαρίνα. / “Pois ele vem por causa do carro | de Psaumis, que coroado com a oliveira de Pisa, apressa-se | para erguer o sucesso de Camarina”.

“para ti esplêndido sucesso (*kýdos*) | dedica ao vencer, e o nome do pai, Acrão fez proclamar e da recém-fundada sede”.⁶⁰

Nicholson (2011, p. 97) nota ainda na *Olímpica* 5 uma emulação aos epínícios para os Deinomênidas, e defende que a figura de Psâumis, nessa ode, é um eco do Hierão *oikistês* da *Pítica* 1, ainda que em termos mais modestos: na antístrofe, a atuação do *laudandus* na reconstrução da cidade é salientada: “e rápido constrói um alto bosque de sólidas moradas” (*O.* 5.13, tradução própria).⁶¹

A despeito do problema de autenticidade de um dos epínícios dedicados a Psâumis, os fortes indícios de que os dois poemas foram compostos em datas próximas, destinados a fazer o encômio da mesma vitória agonística, contribuem para uma interpretação deles em conjunto. Se de um lado esse fenecer do epínício na Sicília é acompanhado de um diálogo com a retórica empregada pelos tiranos, a nova situação política implica adaptações por parte dos poetas: retorna o contexto de negociação e trânsito do capital simbólico, aplicando-se o que Kurke (1991, p. 163 ss.) definiu como uma “política da *megaloprépeia*”, na qual o exercício da munificência pelos *laudandi* acontece dentro da moldura estabelecida pela cidade, com a vitória atlética servindo de adorno à comunidade política.

6 Considerações finais

Procurei demonstrar, ao longo deste estudo, as especificidades dos epínícios de Píndaro compostos em honra das vitórias agonísticas de Hierão de Siracusa, e lê-los como parte de uma estratégia mais ampla de legitimação da tirania. Diferentemente das odes comissionadas por indivíduos privados, ou mesmo daquelas pelos Emênidas de Ácragas, os epínícios para Hierão e seus associados próximos contêm uma especial ênfase na figura do tirano e no seu retrato como um monarca legítimo.

O elogio da pólis e da família do vencedor, comuns nos outros espécimes do *corpus* pindárico, aparecem de forma diminuída ou inteiramente subordinada ao encômio do *laudandus*, que concentra em si o capital simbólico granjeado pela vitória agonística. Essa representação

⁶⁰ τὴν δὲ κῆδος ἄβ' ῥόν | νικάσας ἀνέθηκε, καὶ ὄν πατέρ' Ἀκ' ῥων' ἐκάρυξε καὶ τὰν νέοικον ἔδ' ῥαν.

⁶¹ κολλᾷ τε σταδίων θαλάμων ταχέως ὑψίγυιον ἄλσος.

do tirano como monarca é a expressão de um processo de rotinização da dominação carismática, no qual o fundamento do exercício do poder político, excessivamente vinculado à expressão das qualidades do líder carismático, incorpora uma linguagem que a aproxima de formas tradicionais de dominação

Referências

ANTONACCIO, C. M. Elite Mobility in the West. In: HORNBLLOWER, S.; MORGAN, C. (org.). *Pindar's poetry, patrons, and festivals: From Archaic Greece to the Roman Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 265-285. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780199296729.003.0010>.

ASHERI, D. Sicily, 478-431 B.C.. In: BOARDMAN, J.; HAMMOND, N. G.; LEWIS, M. D.; OSTWALD, M. (org.). *The Cambridge Ancient History: Volume 5: The Fifth Century B.C.* 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 739-790. DOI: <https://doi.org/10.1017/CHOL9780521233477.008>.

BARRETT, W. S. Pindar and Psauis: Olympians 4 and 5. In: WEST, M. L. (org.). *Greek Lyric, Tragedy, and Textual Criticism: Collected Papers*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 38-53. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199203574.003.0003>. BENVENISTE, E. *Indo-European Language & Society*. Trad. de Elizabeth Palmer. Miami: University of Miami Press, 1973.

BROSE, R. de (trad.). *Píndaro: Odes Olímpicas*. São Paulo: Mnêma, 2023.

BROSE, R. de. A Terceira Ode Pítica de Píndaro: protótipo de uma tradução comentada. *Nuntius Antiquus*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, v. 18, n. 1, p. e36732, 2022. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/36732. Acesso em: 30 jul. 2023.

BUNDY, E. L. *Studia pindarica*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1986.

CIANI, M. G. (ed. e trad.); AVEZZÙ, E. (ed. e trad.). *Iliade di Omero*. Torino: UTET, 1998.

CINGANO, E. Commento: Pitica seconda. In: GENTILI, B. (ed., trad. e org.); CINGANO, E. (com.); BERNARDINI, P. A. (com.); GIANNINI, P. (com.). *Pindaro: Le Pitiche*. 5. ed. Roma: Fondazione Lorenzo Valla/Arnaldo Mondadori Editore, 2012, p. 365-406.

DE ANGELIS, F. *Archaic and classical Greek Sicily: a social and economic history*. Oxford: Oxford University Press, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195170474.001.0001>.

DRACHMANN, A. B. (ed.). *Scholia vetera in Pindari Carmina: Volumen I – Scholia in Olympionicas*. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1997a. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana). DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110956474>.

DRACHMANN, A. B. (ed.). *Scholia vetera in Pindari Carmina: Volumen II – Scholia in Pythionicas*. Stuttgart/Leipzig: Teubner, 1997b. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana). DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110956467>.

EVANS, R. *Ancient Syracuse: From Foundation to Fourth Century Collapse*. London/New York: Routledge, 2016. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315566993>.

FERRARI, F. (ed. e trad.). *Odissea di Omero*. Torino: UTET, 2001.

GENTILI, B. Pitica I. In: GENTILI, B. (ed., trad. e org.); CINGANO, E. (com.); BERNARDINI, P. A. (com.); GIANNINI, P. (com.). *Pindaro: Le Pitiche*. 5. ed. Roma: Fondazione Lorenzo Valla/Arnaldo Mondadori Editore, 2012. p. 9-41.

GOTTER, U. Die Nemesis des Allgemein-Gültigen: Max Webers Charisma-Konzept und die antiken Monarchien. In: RYCHTEROVÁ, P.; SEIT, S.; VEIT, R. (org.). *Das Charisma: Funktionen und symbolische Repräsentationen*. Berlin: Akademie Verlag GmbH, 2008. p. 173-186.

HARRELL, S. E. King or private citizen: fifth-century sicilian tyrants at Olympia and Delphi. *Mnemosyne*, Leiden: Brill, v. 55, n. 4, p. 439-464, 2002, p. 439-464. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4433352>. Acesso em 30 jul. 2023.

HIRATA, E. F. V. Monumentalidade e representações do poder de uma pólis colonial. In: FLORENZANO, M. B. B.; HIRATA, E.F.V. (org.). *Estudos sobre a cidade antiga*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009. p. 121-136.

HIRATA, E. F. V. Os odes de Píndaro e as tiranias siciliotas. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 9, n. 9/10, p. 61–72, 1997. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/512>. Acesso em: 22 maio 2023.

KURKE, L. Epinikion, Kudos, and Criticism. In: FUTRELL, A.; SCANLON, T. A. (org.). *The Oxford Handbook of Sport and Spectacle in the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press, 2021, p. 305-319. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199592081.013.9>.

KURKE, L. *The traffic in praise: Pindar and the poetics of social economy*. Ithaca: Cornell University Press, 1991. (Myth and Poetics).

LEWIS, V. M. *Myth, locality and identity in Pindar's sicilian odes*. Oxford, Oxford University Press, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190910310.001.0001>.

LURAGHI, N. Hieron Agonistes or the Masks of the Tyrant. In: URSO, G. (org.). *Dicere laudes: Elogio, comunicazione, creazione del consenso*. Pisa: Fondazione Niccolò Canussio & Edizioni ETS, 2011. Disponível em: <https://fondazionecanussio.org/atti2010/Luraghi.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

LURAGHI, N. Ruling alone: Monarchy in Greek Politics and Thought. In: LURAGHI, N. (org.). *The Splendors and Miseries of Ruling Alone: Encounters with Monarchy from Archaic Greece to the Hellenistic Mediterranean*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2013, p. 11-24.

LURAGHI, N. *Tirannidi arcaiche in Sicilia e Magna Grecia: da Panezio di Leontini alla caduta dei Dinomenidi*. Florença: Leo S. Olschki, 1994.

MAEHLER, H. (ed.) *Pindarus: carmina cum fragmentis: Pars II: Fragmenta*. Leipzig: Teubner, 1989. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana). DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110953015>.

MAEHLER, H. (ed.). *Bacchylides: carmina cum fragmentis*. Leipzig: K. G. Saur Verlag GmbH, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110977332>.

MANN, C. *Athet und Polis im archaichen und frühklassischen Griechenland*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2001.

MANN, C. The Victorious Tyrant. In: LURAGHI, N. (org.). *The Splendors and Miseries of Ruling Alone: Encounters with Monarchy from Archaic Greece to the Hellenistic Mediterranean*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2013, p. 25-48.

MITCHELL, L. *The Heroic Rulers of Archaic and Classical Greece*. London: Bloomsbury Academic, 2013.

MORGAN, K. A. *Pindar and the construction of Syracusan Monarchy in the Fifth Century B.C.* Oxford: Oxford University Press, 2015. (Greeks Overseas). DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199366859.001.0001>.

MORRISON, A. D. *Performances and audiences in Pindar's sicilian victory odes*. London: Institute of Classical Studies, 2007. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43755346>. Acesso em: 30 jul. 2023.

NICHOLSON, N. Greek Hippiic Contests. In: FUTRELL, A.; SCANLON, T. A. (org.). *The Oxford Handbook of Sport and Spectacle in the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press, 2021, p. 242-253. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199592081.013.35>.

NICHOLSON, N. Pindar's Olympian 4: Psaumis and Camarina after the Deinomenids. *Classical Philology*, Chicago: The University of Chicago Press, v. 106, n. 2, p. 93-114, abr. 2011. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.1086/659775>. Acesso em: 22 jun. 2023.

NICHOLSON, N. *The poetics of victory in the Greek West: epinician, oral tradition, and the Deinomenid Empire*. Oxford: Oxford University Press, 2015. (Greeks Overseas). DOI: <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190209094.001.0001>.

OLDFATHER, C. H. (ed. e trad.). *Diodorus Siculus: Library of History, Volume IV: Books 9-12.40*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1946. (Loeb Classical Library, 375).

PAGE, D. L. (ed.). *Poetae Melici Graeci*. Oxford: Clarendon Press, 1962.

PRADO, A. L. de A. de A. Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo. *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 298-299, 2006. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/123>. Acesso em: 15 maio 2022.

RACE, W. H. Pindaric Encomium and Isokrates' Evagoras. *Transactions of the American Philological Association (1974-)*, Baltimore, v. 117, p. 131-155, 1987. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/283964>. Acesso em: 29 maio 2023.

RACE, W. H. The "vaunt" in Pindar. 1973. Ph.D. Dissertation – Stanford University, 1973. Disponível em: <https://www.proquest.com/>

dissertations-theses/vaunt-pindar/docview/302704809/se-2. Acesso em: 29 maio 2023.

RACKHAM, H. *Aristotle: Politics*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1932. (Loeb Classical Library, 264).

RAGUSA, G. Píndaro, Olímpica 7: comentário e tradução anotada. *Translatio*. n. 23, p. 1-14, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/translatio/article/view/119205>. Acesso em: 25 abr. 2025.

SNELL, B.; MAEHLER, H. (ed.). *Pindarus: Carmina cum fragmentis: Pars I: Epinikia*. 8. ed. Leipzig: Teubner, 1987. (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana). DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110969382>. Acesso em 30 jul. 2023.

THATCHER, M. R. *The politics of identity in Greek Sicily and Southern Italy*. Oxford: Oxford University Press, 2021. (Greeks Overseas). DOI: <https://doi.org/10.1093/oso/9780197586440.001.0001>.

TIERI-BRITO, R.; WERNER, C. Pítica 1 de Píndaro. *Rónai – Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 129–140, 2018. DOI: 10.34019/2318-3446.2018.v6.23262. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23262>. Acesso em: 10 maio 2024.

TRIGGER, B. G. Monumental Architecture: A Thermodynamic Explanation of Symbolic Behaviour. *World Archaeology*, London, v. 22, n. 2, p. 119-132, 1990. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/124871>. Acesso em 10 maio 2024.

VALAVANIS, P. Patterns of Politics in Ancient Greek Athletics. In: FUTRELL, A.; SCANLON, T. A. (org.). *The Oxford Handbook of Sport and Spectacle in the Ancient World*. Oxford: Oxford University Press, 2021, p.109-123. DOI: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199592081.013.24>.

VANICELLI, A. (org.); CORCELLA, A. (ed.); NENCI, G. (trad.). *Herodoto: Le Storie: Volume II: Libro VII: Serse e Leonida*. Roma: Fondazione Lorenzo Valla/Arnaldo Mondadori Editore, 2017.

WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.

WERNER, C. (ed. e trad.). *Teogonia: Hesíodo*. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2022.

WERNER, C. (trad.). *Iliada*: Homero. São Paulo: SESI-SP Editora & Ubu, 2018a.

WERNER, C. (trad.). *Odisseia*: Homero. 2. ed. São Paulo: Ubu, 2018b.